

## CONJUNTURA

# Crescer sem inflação é desafio de Itamar

*Crise causou maior taxa de desemprego dos últimos anos, um PIB inferior ao de 1987 e salários 50% menores do que há sete anos*

GLEISE DE CASTRO

**O governo Itamar Franco herda de Fernando Collor uma combinação perversa de estagnação econômica com altas taxas de inflação. Dois anos de recessão, um confisco financeiro e dois congelamentos evitaram a hiperinflação mas não conseguiram domar a alta do custo de vida, que persiste hoje na faixa de 20% a 25% ao mês, sem sinais de recuo. Economistas estimam um crescimento econômico praticamente nulo neste ano, de até 0,3%, o que dá um Produto Interno Bruto (PIB) menor do que o de 1987.**

A recessão profunda do governo Collor deixa também uma herança social explosiva, traduzida numa multidão de desempregados e numa população cada vez mais empobrecedida. O desemprego chegou a 5,8% da população economicamente ativa em abril, taxa mais alta dos últimos sete anos. Só na Grande São Paulo, havia, em agosto, 1,23 milhões de desempregados. E o salário real despencou para quase a metade do que valia em 1985.

O novo governo terá ainda de administrar uma dívida pública que voltou a crescer em ritmo acelerado, o que deixa pouco espaço para mexer na política de juros altos, necessária para financiar a rolagem de curto prazo. Em agosto, o total dos títulos federais fora do Banco Central chegou a 8,49% do PIB. Em janeiro correspondia a 4,17% do PIB.

**Desafio** — É consenso hoje, o que inclui até os mais ortodoxos, que é preciso abrandar a recessão, pois o País está pagando um preço alto demais para um resultado tão pequeno, o de segurar a inflação numa faixa extremamente alta. Uma taxa de 20% ao mês corresponde a 790% ao ano, enquanto na maior parte do mundo a inflação anual não passa de 10%. Mas num quadro econômico tão complicado, conciliar retomada do crescimento com controle da inflação não é tarefa fácil, e constitui o principal desafio a ser enfrentado por Itamar.

Se tentar diminuir a recessão, baixando os juros, a demanda aumenta e os preços ganham maior impulso, pressionando a inflação. Com ju-

ros pouco atrativos, também corre o risco de afastar os investidores de que precisa para financiar a dívida pública.

"Combinar reativação da economia com queda da inflação é uma coisa complicadíssima", diz Emílio Alfieri, assessor econômico da Associação Comercial de São Paulo. "É o primeiro grande desafio e o primeiro grande problema para o novo governo", concorda Sideval Aroni, presidente do Sindicato dos Economistas do Estado de São Paulo. Para Alfieri, alternativas como congelamento e prefixação de preços e salários para segurar a inflação se comprovaram ineficazes e desastrosas.

Na opinião de Alfieri, o ideal é não fazer mudanças bruscas, deixando as medidas que permitam a retomada gradual do crescimento para o ano que vem, e concentrar os esforços numa reforma tributária de emergência que garanta ao governo caixa suficiente para atravessar o próximo ano.

Mais cético, Sideval Aroni acha que os interesses conflitantes das forças políticas que hoje dão sustentação ao novo governo não permitirão a adoção de um programa econômico mais abrangente. "O que dá para fazer é administrar a caixa do governo, adotar alguma reforma fiscal de emergência, diminuir um pouco os juros e tentar algum acordo para preços e salários", diz. "O caráter heterogêneo do apoio político deixa o novo governo numa verdadeira camisa de força e ele terá dificuldade de caminhar em qualquer direção."

**Pontos positivos** — De positivo, Itamar encontra uma economia que aos poucos volta a se inserir no mercado internacional e o reatamento das relações do País com a comunidade financeira mundial. O acordo com os credores privados para uma dívida de US\$ 49 bilhões não depende mais do Executivo. Os bancos trataram de apressar a assinatura do acordo enquanto Collor estava no governo, e sua conclusão fica agora por conta da aprovação do Senado. Recebe também reservas cambiais num valor estimado de US\$ 21 bilhões, quatro vezes maior do que o de 1990, o que aumenta a capacidade do País de pagar as contas no Exterior e funciona como garantia extra para controlar os preços internos, via aumento das importações, caso seja preciso.

## As opções do novo governo

Alternativas de que dispõe para conduzir a economia

### PROPOSTAS

#### Retomada do crescimento

A indústria tem 40% de capacidade ociosa, e um grande contingente de mão-de-obra desempregada. Pode aumentar a produção sem grandes investimentos, recontratando os funcionários, se o governo baixar os juros e dilatar os prazos de recolhimento dos impostos

#### Reforma tributária

O governo pode adotar uma reforma tributária de emergência, baseada num acordo mínimo, para garantir um fôlego financeiro no ano que vem

#### Preços e salários

A equipe de Itamar pode aproveitar o crédito de confiança da sociedade para adotar algum tipo de acordo para preços e salários, com a finalidade de evitar uma pressão muito forte sobre a inflação. A reativação das negociações nas câmaras setoriais é uma saída possível. O acordo com o setor automobilístico pode ser um modelo a ser seguido para os demais setores

#### Abertura da economia

A manutenção do ritmo de abertura da economia, com o atual cronograma de redução das alíquotas do Imposto de Importação, é também uma forma de controlar a inflação, pelo aumento da concorrência.

#### Privatização

A venda apressada das estatais pode se tornar um mau negócio, com a transferência do patrimônio público para o setor privado por preços subavaliados. A composição das moedas aceitas na privatização também poderia ser alterada, com a redução do uso das chamadas moedas podres



**Camisa de força**

Interesses antagônicos são apontados por Aroni como empecilho para as mudanças na economia

